



ANÁLISE LINGUÍSTICA: O FUNCIONAMENTO DIALÓGICO-VALORATIVO DE RECORRÊNCIAS GRAMATICAIS NA NOTÍCIA

Neil Armstrong Franco de Oliveira (UEM)
Adriana Delmira Mendes Polato (UNESPAR/FECILCAM)

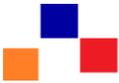
RESUMO: Apresentamos a relação entre categorias gramaticais recorrentes na notícia e valorações dialógicas que se concretizam estilístico-composicionalmente no gênero, a partir de movimentos discursivizados, cujas funções respondem à orientação interna e externa do gênero na realidade. No bojo da Linguística Aplicada, a proposta analítico-interpretativa da Análise Dialógica do Discurso, sustentada pelos postulados do *Círculo de Bakhtin*, coadunada à proposta de Análise Linguística, conforme se apresenta nos trabalhos de Geraldi e Perfeito, é ancoragem à discussão. Os resultados finais descrevem a possibilidade de desenvolvimento de um trabalho dialógico-discursivo de análise linguística.

PALAVRAS-CHAVE: análise linguística, recorrências gramaticais, valorações dialógicas, notícia

LINGUISTIC ANALYSIS: DIALOGICAL-EVALUATIVE FUNCTIONING OF GRAMMAR RECURRENCES IN NEWS

ABSTRACT: We present the relation between recurrent grammar categories in news and dialogical valuations that come up by means of style and composition in that genre, departing from discursive movements whose functions meet the genre's internal and external guidance in reality. Within Applied Linguistics, the analytical-interpretative proposal of the Dialogical Discourse Analysis, supported by the postulates of the *Bakhtin Circle*, linked to the Linguistic Analysis proposal, as presented in the works by Geraldi and Perfeito, harbors the discussion. The results describe the possibility of developing a dialogical-discursive work of linguistic analysis.

KEYWORDS: linguistic analysis, grammar recurrences, dialogical valuations, news



Considerações iniciais

O trabalho de ensino e aprendizagem da língua/linguagem na perspectiva dos gêneros discursivos foi impulsionado nos anos 90 a partir da recomendação de suas vantagens nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), conforme aponta Rojo (2007). O reflexo de tal proposição se fez sentir, também, em diretrizes curriculares estaduais para o Ensino de Língua Portuguesa, subsequentemente, em todo país. O fundamento da proposta encontra, grandemente, respaldo na teoria bakhtiniana que, na maioria das vezes, coadunada a discussões advindas de teorias linguísticas discursivas ou enunciativas, ou a discussões advindas de outras teorias de cunho sociológico ou filosófico, por exemplo, acabou por desencadear diferentes perspectivas para o trabalho com os gêneros do discurso.

Essas perspectivas apresentam abordagens teórico-metodológicas que apontam para formas peculiares de se enfrentar o objeto e, em termos de ensino e aprendizagem, até de propostas didáticas distintas. Dentre elas, no campo da Linguística Aplicada (LA), apresentam-se algumas como: a sociorretórica (SWALES, 1990; BAZERMAN, 2005; 2007), a interacionista-sociodiscursiva (BRONCKART, 1999; SCHNEUWLY e DOLZ, 2004; CRISTÓVÃO e NASCIMENTO, 2005 e MACHADO, 2005), a semiodiscursiva (FURLANETTO, 2005), a sociocognitivista (KOCH, 2005; MARCUSCHI, 2007) e a dialógica (BRAIT, 2006).

Ancoramo-nos na perspectiva dialógica (BRAIT, 2006) para, a partir dela, considerar que a LA ainda não pode economizar em problematizar as dificuldades para a tomada dos gêneros como objetos semiotizados de ensino e aprendizagem na escola. A compreensão (de)limitada das teorias de ancoragem (teoria bakhtiniana e discussões em constante desenvolvimento da própria LA), cuja redução do conceito de gênero ao conceito de estrutura, conforme apontam Rojo (2007) e Brait e Pistori (2012), está no centro dessa evidência que não pode ser ignorada. Daí tem decorrido um trabalho de ensino e aprendizagem em que o gênero é, muitas vezes, o simulacro para a efetivação de um ensino ainda



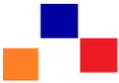
tradicional que não visa à compreensão da linguagem em seu real funcionamento nas interações verbais concretas e que, conseqüentemente, acaba por não capacitar o aluno a ler, falar e escrever melhor nas práticas sociais de suas vivências.

Por outro lado, a improdutividade de se conceber a língua/linguagem apenas como expressão psíquico-individual pura ou como sistema abstrato/código, ressaltada por Bakhtin/Voloshínov (2006), desemboca no prejuízo de se concretizarem tais concepções nas elaborações didáticas que servem ao processo de ensino e aprendizagem da língua/linguagem, a partir de visadas unicamente normativas e/ou descritivas. Essa questão, já nos anos de 1980 discutida por Geraldi (1984), continua viva, especialmente para os linguistas aplicados interessados em (re)discutir o tratamento das questões linguísticas e gramaticais na escola a partir do conceito de análise linguística.

A discussão que envolve a análise linguística, preconizada por Geraldi (1984) e mantida por outros linguistas aplicados como Perfeito (2007), nasce da compreensão do funcionamento discursivo e, aqui acrescentamos, dialógico da língua/linguagem.

Para tentar contribuir com uma possibilidade de trabalho de análise linguística numa perspectiva dialógica e discursiva, em que o gênero está no centro de discussão, consideramos aspectos linguísticos e extralinguísticos do discurso, e a dupla orientação (interna e externa) do gênero na realidade, conforme propõe o *Círculo de Bakhtin*. Dessa forma, ancoramo-nos, nas propostas da Análise Dialógica do Discurso (ADD), cujo “trabalho metodológico, analítico e interpretativo ocorre por meio da herança advinda da linguística” (DE PAULA, 2013, p. 252), buscando:

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade linguística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das



atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos (BRAIT, 2006, p. 13).

Neste trabalho, a partir de um *corpus* constituído por 30 notícias, tratamos de apresentar a relação entre categorias gramaticais recorrentes e destacar as valorações dialógicas que se concretizam estilístico-composicionalmente nesse gênero a partir de movimentos discursivizados específicos que servem tanto a orientação interna, quanto respondem a uma orientação externa do gênero na realidade. Conseqüentemente, defendemos que tal discussão possa corroborar a compreensão do gênero notícia pelo professor, servindo às suas reflexões e escolhas didáticas para o trabalho de análise linguística. Para tanto, se faz necessário apresentar: a) conceitos do *Círculo de Bakhtin* e desdobramentos da LA para um olhar dialógico sobre o discurso; b) análise das recorrências linguísticas e gramaticais a partir da compreensão dialógico-valorativa dos movimentos discursivizados estilístico-composicionalmente na notícia; c) reflexões para uma proposta de análise linguística que alcança o estatuto de prática dialógico-discursiva.

1. Conceitos do *Círculo de Bakhtin* e desdobramentos da Linguística Aplicada para um olhar dialógico sobre o discurso

Para investigar a linguagem a partir do panorama social, discursivo e dialógico que o *Círculo de Bakhtin* defende, é necessário resgatar dessas contribuições os postulados que nos subsidiam na compreensão do discurso em sua dimensão extralinguística e linguística, assim como os diferentes usos da linguagem efetuando-se na “forma de enunciados concretos, únicos e proferidos por sujeitos participantes das interações sociais que ocorrem em determinados campos de atividades” (ACOSTA-PEREIRA e RODRIGUES, 2010, p.3).

Conforme discute Brait (2006), já em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2008) se dedica a estudar a obra desse outro russo, para

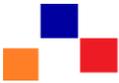


dela abstrair sustentação e realçar o caráter dialógico dos enunciados. É sobre os fios das questões da literatura e da linguística que o autor caminha para defender o discurso como objeto multifacetado ao qual se deve prestar atenção pela observação de aspectos linguísticos (internos) e extralinguísticos (externos). Propõe, então, avançar para além das propostas da linguística, revestindo o objeto a ser estudado – o discurso – com uma dimensão extralinguística.

Assim como o faz explicitamente em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), aqui, ainda a analisar a obra de *Dostoievski*, coloca em xeque, no entanto sem desprezo, o fato de a linguística objetiva não dar conta da análise das enunciações concretas e de a estilística clássica não considerar a expressão como orientada ao interlocutor. Dessa forma, apresenta o termo *discurso* e o substitui por *relações dialógicas*, porque considera o discurso como um cruzamento de discursos.

Para Bakhtin, as relações dialógicas são extralinguísticas, mas ao mesmo tempo não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua, fenômeno integral concreto, de modo que podemos melhor entender a crítica feita às duas orientações do pensamento filosófico linguístico em *Marxismo e filosofia da linguagem*, onde Bakhtin/Voloshínov (2006, p. 127), a fim de propor uma nova ordem metodológica para o estudo da língua, apontam para as formas de interação verbal, permitindo-nos depreender que é necessário lançar um olhar aos seus aspectos internos e externos. Em seu estatuto de forma típica de enunciado sócio-historicamente constituído, o gênero serve, antes, às enunciações reais e, na mesma medida se concretiza linguisticamente.

Conforme explicam Brait e Pistori (2012), a questão é esmiuçada em *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica*, quando Medvedev e Bakhtin (2008) explicitam a contraposição à ideia de estudo do gênero somente a partir dos elementos formais da língua e elucidam, pois, uma compreensão necessária a partir de sua dupla orientação na realidade: a) uma orientação externa que diz respeito ao tempo, ao espaço, ao campo da atividade de onde o enunciado emerge, visto que é produzido em



tempo e espaço reais e se orienta a interlocutores; b) outra orientação que é interna, mas também voltada para a vida e se dá na interioridade do gênero, “relacionada a formas, estruturas e conteúdo temático do enunciado em sua totalidade, fator que lhe permite ocupar um lugar na vida cotidiana, unindo-se ou aproximando-se de uma *esfera ideológica*” (BRAIT e PISTORI, 2012, p.382, grifo das autoras).

A importância do campo/esfera da atividade de onde emerge o enunciado é sempre realçada pelo *Círculo*, especialmente por Bakhtin (2003, p. 262), que trata em “Gêneros do discurso”, entre outros aspectos, de explorar mais detidamente a ligação entre os conceitos, quando afirma que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Para o autor, esses enunciados “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional”.

Mais adiante, no mesmo ensaio, o autor evidencia a indissolúvel ligação entre os três elementos que compõem os aspectos internos do gênero (conteúdo temático, construção composicional e estilo), levando-nos à necessidade de compreendê-los melhor em separado e de estabelecer relações entre esses elementos e outros conceitos que aparecem discutidos em outras obras do *Círculo*:

a) *conteúdo temático X tema*: no todo acabado do enunciado, o conteúdo temático se constitui como um de seus aspectos internos. No entanto, antes mesmo de escolher certa forma típica de enunciado para concretizar seu dizer, o sujeito do discurso já tem a tarefa de dar conta de um tema e uma vontade discursiva que o move.

Ao olharmos para o gênero, é importante perceber como essa forma típica de enunciado serve à concretização de um dizer e como consubstancia o tratamento temático. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, no capítulo “Tema e significação na língua”, Bakhtin/Voloshínov (2006) diferenciam os dois modos



de investigação de um elemento linguístico: um orientado a um estágio superior – o tema – e outro orientado a um estágio inferior – a significação. O primeiro modo só pode se dar a partir das enunciações reais e o segundo se dá no sistema linguístico abstrato, onde a palavra não funciona como um signo ideológico, mas como signo abstrato.

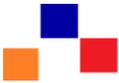
Em “Língua, fala e enunciação”, Bakhtin/Voloshínov (2006, p.92) esclarecem:

Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. Este é o ponto de vista do locutor. Mas o locutor também deve levar em consideração o ponto de vista do receptor (Idem).

A afirmação de Bakhtin/Voloshínov importa ao entendimento de que “não é uma palavra isolada que está orientada para o tema, mas o enunciado inteiro como atuação discursiva” (BRAIT e PISTORI, 2012, p. 384). Em razão de o enunciado ter “uma direcionalidade certa” (MENEGASSI e CAVALCANTI, 2013), o locutor leva também em consideração a existência do interlocutor na hora de fazer suas escolhas.

Acerca do tema, ainda, é preciso considerar que cada signo, quando tomado em dado momento histórico-social e ideológico, serve aos sistemas semióticos para exprimir a ideologia e é, ao mesmo tempo, modelado por ela. Nesse sentido, toda palavra, conforme apontam Bakhtin/Voloshínov (2006), é um signo ideológico e o é por excelência. A palavra é capaz de registrar as variações das relações sociais, por menores que estas sejam, daí a natureza interacional da linguagem.

A recomendação bakhtiniana para que se observe o tema somente a partir das enunciações concretas está vinculada ao entendimento de que é na forma típica de enunciado que o tratamento temático ganhará o estatuto de *conteúdo temático*. Essa forma típica delinea certos modos de se tratar um tema. Por isso, tema e intuito discursivo precedem a escolha do gênero.



b) *Estilo*: em debate com as formas de a estilística clássica conceber o estilo como expressão individual pura que se exterioriza, Bakhtin (2003, p. 283) esclarece a questão afirmando que nem todos os gêneros são igualmente propícios ao reflexo da individualidade do sujeito falante.

Para ele, a existência do estilo individual não está separada da existência do gênero. Compreender isso implica distinguir entre o que ele postula como estilo do gênero e o que postula como estilo individual de linguagem. O estilo do gênero diz respeito às escolhas lexicais, gramaticais, fraseológicas próprias de uma forma típica de enunciado. Já o estilo individual de linguagem (que Bakhtin também defende não ser uma expressão individual pura) pode emergir, a depender da natureza do enunciado, permitindo-se apresentar certas marcas características que podem ajudar na identificação de uma autoria, embora esta também esteja para as formas típicas de enunciado, uma vez que os gêneros têm suas formas próprias de autoria, sendo esta uma posição axiológica, conforme propõe Faraco (2007).

c) *Construção composicional e forma arquitetônica*: Brait e Pistori (2012) elucidam a discussão de Bakhtin em “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária”, quando o autor esclarece a diferença entre forma composicional e forma arquitetônica.

Para chegar a essa distinção, Bakhtin sugere que é preciso enfrentar a unidade do texto não como dada exclusivamente por sua forma externa, aparentemente autônoma, mas por seu plano, ou seja, por suas condições concretas de vida, suas interdependências, suas relações, suas posições dialógicas e valorativas (BRAIT e PISTORI, 2012, p. 378).

A construção composicional diria respeito ao caráter mais ou menos estável, utilitário, teleológico do gênero, nos dizeres de Rojo (2007). Tomemos como exemplo o gênero *notícia*, objeto de nosso trabalho. A construção composicional desse gênero relaciona-se com a finalidade de sua ação, que é de informar com precisão, clareza e objetividade. Por isso, quase sempre apresenta um lide para informar o local e o tempo de ocorrência dos fatos, assim como os participantes dele. Apresenta também um corpo, onde, geralmente, recupera



outros discursos a fim de validar informações dispostas ou de se valer delas numa posição de adesão, ou refutação.

Já a forma arquetípica é mais ampla. Relaciona-se ao “aspecto que tem a ver, em termos do conjunto da proposta do pensamento bakhtiniano, com a relação *eu para o outro – o outro para mim*, presente nos textos, nos discursos, nos gêneros” (BRAIT e PISTORI, 2012, p. 378, grifos do autor).

A notícia não aparece sozinha no jornal. Sempre se relaciona com outros textos, como reportagens, editoriais, artigos de opinião. Sua função é a de ser aparentemente imparcial e sob esse artifício, o jornal (eu) se dirige ao outro (leitor), embora, implicitamente, com o intuito de direcioná-lo a uma interpretação (x), mas, explicitamente, com o intuito de mantê-lo informado. Só a notícia serve a isso e de forma tão peculiar. Por isso, a fim de lê-la, além de recorrer a seus aspectos internos é preciso recorrer às relações dialógicas (extralinguísticas), ou seja, aos outros textos com os quais se relaciona no mesmo jornal e em outros, dos quais recupera discursos. Os cruzamentos de discurso que se efetivam na notícia servem para observar a posição sustentada pela empresa jornalística, que mantém uma coerência enunciativa com seus interlocutores.

d) *autoria*: Bakhtin (2003) entende que cada enunciado recebe acabamento estilístico e composicional pelo seu autor. Se há enunciado, há autoria porque o autor é “o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra [...]” (BAKHTIN, 2003 p. 10). Faraco (2007) esclarece a ideia bakhtiniana da não existência de um autor-pessoa, o que remeteria à concepção de autoria da estilística clássica, em que autor e indivíduo parecem ser os mesmos a assumir a responsabilidade discursiva. Para além disso, em Bakhtin, temos o autor-criador, que se constitui como uma posição axiológica. A posição axiológica da autoria é a do ser social ou profissional, por exemplo, que fala de determinado lugar da história e de determinado campo da atividade humana. O autor-criador lê o mundo, sofre coerções e faz escolhas gramaticais, estilísticas e composicionais, todas consubstanciadas pelo gênero que serve a sua vontade discursiva na interação

com seus interlocutores.

Assim, Bakhtin (2003) entende toda escolha gramatical feita pelo autor como já um ato de estilo. Por isso, o autor não recomenda olharmos para o ponto de vista gramatical ou para o ponto de vista do estilo, em separado, mas, embora com precisão metodológica distinta, para o todo orgânico dessa relação imbricada sob a base da unidade real do fenômeno linguístico - o enunciado, com acabamento dado pelo autor.

2. A Análise Dialógica do Discurso como baliza a uma prática de Análise Linguística: uma possibilidade a partir da notícia

Brait (2006) sustentou, a partir de reflexões esboçadas pelo *Círculo de Bakhtin* no conjunto de sua obra, a proposta de uma análise/teoria do discurso que não se pretende fechada em si mesma porque se funda na compreensão da “indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida” (p.10). Tal proposta se ancora numa “concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (Idem).

Acosta-Pereira e Rodrigues (2009) apresentam contribuições esclarecedoras ao entendimento dos propósitos dessa a que se denominou Análise Dialógica do Discurso (ADD). A teoria respeita as disposições mais gerais do *Círculo de Bakhtin* no conjunto de sua obra, as quais recomendam a olhar para as enunciações reais e, na mesma medida, para as formas de enunciados, a fim de pôr em evidência aspectos internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos) do discurso. Também se vale das disposições da Linguística Aplicada para um ensino produtivo de língua/linguagem. Dessa forma, seus pilares emergentes seriam:

- compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros a partir de sua relação com a situação social de interação e o campo/esfera social de atividade;



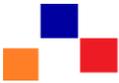
- compreender a indissolúvel relação entre língua, linguagens e sujeitos historicamente situados;
- levar a cabo a ideia de que as realizações linguístico-discursivas se efetuam como enunciados, que se legitimam e refletem as condições sociais de produção pressupostas nas interações de que fazem parte;
- entender que o enunciado materializa as condições e as finalidades de cada um dos campos da atividade humana, isto é, os enunciados, como unidades de comunicação, são marcados por regularidades sócio-temáticas, sócio-estilísticas e sócio-composicionais que se estabilizam na forma de gêneros.

Uma das preocupações da ADD tem sido destacar as regularidades enunciativo-discursivas presentes no funcionamento do gênero do discurso, para “entender a relativa estabilização linguístico-enunciativa desse gênero” (RODRIGUES e ACOSTA-PEREIRA, 2010, p. 152). Essas regularidades, portanto, também respondem “às regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica” (ROJO, 2005, p.199).

Nesse sentido, é possível perfeitamente compreender que a proposta de análise linguística (AL), tal qual desponta no campo da LA, em *O texto na sala de aula*, de Geraldi (1984), firma-se sobre os propósitos de uma compreensão extralinguística e linguística do discurso. Não é o ensino da língua como sistema abstrato que a AL busca, tampouco buscaria, numa perspectiva dialógica, as regularidades linguísticas morfológicas, sintáticas, semânticas concretizadas num gênero, desprezando a orientação externa do gênero na realidade. Para além disso, a AL se propõe à emergência de repensar os modos de ensinar a gramática, na medida em que defende uma visada textual e discursiva em que a metalinguagem e a normatividade cedem um lugar importante à epilinguagem.

Tal proposição se apresenta no trabalho de Perfeito (2007), que conceitua a AL como:

Processo reflexivo (epilinguístico), em relação à movimentação de recursos lexicais e gramaticais e na construção composicional - concretizada em textos pertencentes a determinado(s) *gênero(s) discursivo(s)*, considerando seu suporte, meio/época de circulação e de interlocução (contexto de produção) - veiculados ao processo de leitura, de construção



e de reescrita textuais (mediado pelo professor)". (PERFEITO, 2007, p. 829, grifos do autor).

À luz desse entendimento, a concepção de análise linguística contrapõe-se à ideia de reduzir o trabalho de ensino da língua ao ensino de nomenclaturas, à descrição das estruturas gramaticais ou à normativa do “bem falar e escrever” em separado das situações enunciativas. A reflexão sobre recorrências linguísticas e gramaticais no gênero, assim como sobre as condições específicas de produção dos enunciados, dão à AL o estatuto de atividade dialógico-discursiva, na medida em que respeita o entendimento bakhtiniano de que o olhar para as relações dialógicas (extralinguísticas) precisa ser coadunado ao olhar para as questões linguísticas. Da mesma forma, essa proposta convida professores de língua a ensinarem e refletirem sobre categorias significativas da gramática a partir de um trabalho que considera seu funcionamento e finalidades de uso.

Se observarmos a relativa estabilização linguístico-enunciativa de um gênero, perceberemos a presença de movimentos discursivizados estilístico-composicionalmente que respondem a sua orientação interna. Mas é preciso considerar, conforme já apontamos, o gênero em uma orientação externa na realidade e essa só pode ser observada quando revestimos o objeto de uma dimensão extralinguística, segundo propõe Bakhtin, considerando também a importância do campo da comunicação de onde ele emerge.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin/Voloshínov (2006, p. 31) explicitam a importância do campo:

Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. *É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral.* (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2006, p. 31).

O campo jornalístico é, assim, por excelência, aquele que enquadra, a partir das diferentes formas de enunciados (seus gêneros), o discurso que vem de outros campos e, até mesmo, o discurso do mesmo campo, como resposta de



concordância ou de discordância aos conteúdos veiculados por parceiros ou concorrentes. Ao nos depararmos diariamente com notícias, reportagens, editoriais, artigos assinados, por exemplo, percebemos a heterogeneidade de discursos enquadrados para servir às posições axiológicas que as empresas jornalísticas demarcam acerca do objeto de discurso.

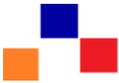
Por ser muito fértil à reenunciação, o campo jornalístico faz imprimir essa característica em seus gêneros. Bakhtin (2006) dá atenção a esse aspecto, esboçando uma explicação sobre a não gratuidade da presença do discurso citado no discurso. Para ele, “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (Idem, p.150).

Conforme explica Acosta-Pereira (2013), podemos entender que os discursos de outrem enquadrados no discurso de um ou outro autor submetem-se aos processos de reenunciação e reavaliação, determinados pelas diferentes situações de interação, visto que todo enunciado é um evento novo. É, portanto, a nova situação de interação na qual o(s) discurso(s) se engendra(m) que determina os sentidos dos discursos a partir desse enquadramento dialógico. Assim, o campo jornalístico é, por si, altamente dialógico-valorativo, refratando essa característica explícita em seus gêneros.

A notícia, gênero da categoria dos informativos, segundo a classificação jornalística, não foge à evidente característica presente em todos os gêneros do campo jornalístico: enquadramento do discurso de outrem.

Como um dos gêneros mais utilizados pela imprensa diária, a notícia se encontra veiculada nos jornais impressos, no rádio, na TV, na internet, o que nos mostra a flexibilidade e a fácil adaptação desse gênero aos diferentes suportes midiáticos do campo jornalístico. Para Rabaça e Barbosa (1998, p. 261), no Dicionário de Comunicação, a notícia é o “relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade e capaz de ser compreendido pelo público”.

O gênero se apresenta sócio-historicamente com a função de relatar, com precisão, pressuposta imparcialidade e compromisso de verdade, os



acontecimentos do cotidiano de maior relevância e de interesse público. No entanto, na aparente objetividade e imparcialidade, que se camufla no veio da precisão do relato, a justaposição de fatos e o amálgama de discursos de outrem ajudam a compor, muitas vezes, quadros tendenciosos, conforme se pode depreender do trabalho de Acosta-Pereira (2013).

O autor de notícias, geralmente um jornalista, para se encarregar de dar acabamento ao enunciado, investe-se, pois, da posição axiológica do autor institucional, conforme explica Alves Filho (2006), a fim de atender os anseios de sua empresa, organizando relatos aos interlocutores fidelizados ou que busca fidelizar.

A presença do discurso de outrem é evidente e necessária ao cumprimento da aparente função apartidária do jornal. É a partir desses discursos, de sua organização e também por meio de movimentos discursivizados de avaliação, que a empresa jornalística acaba por demarcar sua posição. Assim, o que aparentemente se constitui, no plano estilístico e composicional, como a serviço da objetividade, da precisão, da verdade e da imparcialidade, certamente também funciona como valoração.

Tudo que é valorativo ou axiológico só o pode ser “a partir da constituição de índices sociais de valor essenciais para o signo ideológico” (ACOSTA-PEREIRA, 2013, s/p). Como já vimos, o signo ideológico só adquire valor nas relações sociais a partir da interação verbal.

É sob essa relação entre valoração, ideologia e signo que se revisitam as considerações bakhtinianas de estilo dos gêneros do discurso. Para a ADD, o estilo dos gêneros funda-se na relação (ou nas relações) de alteridade, ou seja, busca-se compreender como determinados usos da linguagem apresentam-se engendrados por particularidades, singularidades e recortes de sentidos afetados, impregnados ou alterados pelas diferentes relações sociais que as constituem (ACOSTA-PEREIRA, 2013, s/p).

Nesse sentido, os elementos linguísticos e a forma como são arrançados passam a ter uma função social e discursiva que serve concomitantemente ao cumprimento das funções sócio-históricas da notícia (informar com precisão e



clareza) e também à defesa implícita de uma posição acerca do fato noticiado frente a interlocutores com quem o jornal dialoga. Se partirmos desses princípios, passamos a entender as recorrências linguísticas não como meras fórmulas do gênero, mas como engendramentos a serviço de visadas dialógico-valorativas.

Acosta-Pereira (2013) define “visadas dialógico-valorativas” como movimentos dialógicos discursivizados, que são valorados e saturados por orientações ideológicas que organizam a construção estilístico-composicional da notícia.

A fim de compreendermos melhor a questão, precisamos entender a composição (estrutura) em separado, para depois sabermos em que medida os recursos linguísticos estão para ela e em que medida também estão para a valoração. Tomemos a descrição estrutural feita por Faria (2007). Para o autor, a notícia deve ter um “Título” indicando o assunto; um subtítulo (opcional) e um “*Lead* ou *Lide*”, cujos objetivos são, respectivamente, despertar a atenção do leitor e fornecer informações fundamentais para responder a questões como: Quem? O quê? Onde? Quando? Além disso, deve conter o “Evento principal”, parte onde se faz o relato pormenorizado do que aconteceu, devendo-se responder às perguntas: Como? Por quê?

Essa estrutura disciplinada é a referência mais utilizada por muitos dos que ensinam a ler e a produzir textos desse gênero, enquanto a compreensão valorativa dos movimentos discursivizados é deixada de lado. São esses movimentos discursivizados que ganham destaque na sequência, a fim de analisarmos recorrências gramaticais que compõem as notícias.

3. Visadas dialógico-valorativas e recorrências gramaticais na notícia

Acosta-Pereira (2013) sistematiza visadas dialógico-valorativas observadas na notícia a partir da análise de excertos de exemplares, a saber: *visada dialógico-valorativa de localização tempo-espacial e identificação dos participantes*; *visada dialógico-valorativa de avaliação*; *visada dialógico-*

valorativa de validação; e *visada valorativa de retomada do assunto* Vamos nos valer dessas contribuições como ponto de partida para ampliar nosso entendimento acerca da questão dialógico-valorativa, visando corroborar o trabalho de “entendimento do gênero” a partir de aspectos linguísticos. Da mesma forma, acrescentaremos mais uma visada ao rol das expostas por Acosta-Pereira (2013), a *visada dialógico-valorativa de especificação*, a fim, também, de explorar sua dialógica-valorativa e compreender sua importância na constituição da notícia.

(a) *visada dialógico-valorativa de localização tempo-espacial e identificação dos participantes*: Toda notícia deve responder quando e onde os fatos ocorreram e quem são os sujeitos envolvidos no fato a ser relatado. Uma notícia que não responder a isso parecerá imprecisa, incompleta e não cumprirá sua função historicamente determinada de informar o leitor com qualidade, clareza e precisão. Dessa forma, em nível sintático, cabe observar, no lide das notícias, a presença de adjuntos adverbiais de tempo e de lugar. O uso dos primeiros é mais intenso e, por vezes, percebemos a presença de dois ou mais deles num só período da organização sintática, refinando a precisão do relato, conforme análise do excerto:

FOLHA DE SÃO PAULO. *Conflito entre 300 deixa um morto a tiro*. Edição *online* de 26/03/12.¹

Agosto de 2011: horas antes de um Corinthians e Palmeiras, em Presidente Prudente, o balconista palmeirense Lucas Alves Lezo levou um tiro após confronto com policiais, ficou dois dias internado e recebeu alta.

Março de 2012: horas antes de um Corinthians e Palmeiras, ontem, em São Paulo, o estudante palmeirense André Alves Lezo levou um tiro após confronto com corintianos.

Percebemos, em negrito, o início de uma notícia a partir de uma forma bastante canônica, com lide explícito. Ao noticiar conflito violento entre

¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte>



torcedores, o autor institucional situa o leitor quanto ao tempo e ao local de sua ocorrência (tempo em **negrito** e local em **negrito itálico**). No entanto, o faz reenunciando uma notícia de 2011, demonstrando que o fato se repete. Os adjuntos adverbiais de tempo aparecem deslocados por vírgula para o início dos períodos e, na medida em que se repete a estrutura sintática, reforça-se a repetição dos fatos e o tom de denúncia. No segundo período, o adjunto adverbial de tempo “ontem” aparece deslocado por vírgula, antecedendo ao adjunto adverbial de lugar “em São Paulo”.

O deslocamento não gratuito ocorre porque se quer dar ênfase a “ontem” e esse “ontem” se contrapõe ao que ocorrera em agosto de 2011. Assim, concluímos que as relações de sentido vinculadas ao tempo e ao local estão merecendo destaque por estarem vinculados à denúncia de uma negligência também. Entendemos, portanto, que os movimentos discursivizados, as escolhas lexicais e fraseológicas estão ao mesmo tempo para a função essencialmente informativa do lide (Quem? Quando? Onde?), bem como para uma valoração dessa localização tempo-espacial e de identificação de participantes, demonstrando a dupla orientação da notícia: a) para o cumprimento de sua função sócio-histórica de informar; b) para a sua função menos explícita de denunciar marcando certa posição, estabelecendo fértil terreno para a continuidade do diálogo. No caso específico analisado, posteriormente, o jornal cuidará de apresentar editorial em que opinará sobre a importância de pacificar o futebol e resolver a questão da violência nos estádios, tendo em vista a aproximação da Copa do Mundo de 2014.

(b) Visada dialógico-valorativa de avaliação: “As avaliações são discursivizadas seja pelo enquadramento do discurso do outro, seja por orientações construídas por determinados recursos da língua funcionando como índices avaliativos” (ACOSTA-PEREIRA, 2013, s/p). Como é comum a presença do discurso de outrem no discurso jornalístico, muitas vezes o jornal se vale de posicionamentos marcados nesses conteúdos para sustentar posições de concordância ou de discordância a eles. Da mesma forma, pode manter-se à

parte de determinada posição revelada no discurso do outro, numa relação de aproximação ou de distanciamento daquele discurso.

Geralmente esses posicionamentos de outros são introduzidos no discurso a partir das orações subordinadas substantivas objetivas diretas, nas formas desenvolvidas ou reduzidas. Então, devemos chamar atenção para o teor dos discursos que são convocadas para o texto e de que forma o são.

Agência Brasil. Governo envia ao Congresso proposta de lei que criminaliza exigência de cheque caução em hospitais privados.²

No mês passado, ao falar da elaboração do projeto, Padilha disse que a iniciativa não foi motivada pela morte do secretário e já estava em debate anteriormente.

No excerto em análise, o autor institucional se empenha em dispor uma explicação a partir da voz/discurso de Padilha, que é introduzida na estrutura sintática por meio do discurso indireto, tendo como recurso linguístico a oração subordinada substantiva objetiva direta. O autor institucional faz essa manobra porque ele mesmo não pode explicar, por si, que a morte do secretário não foi a motivação para a iniciativa de elaboração do projeto de lei em questão. Se o fizesse, deixaria transparecer certa parcialidade.

Além do discurso indireto, o discurso de outrem pode ser introduzido na trama sintática a partir do discurso direto marcado com aspas. No caso de uso desse recurso, é comum a presença de um verbo delocutivo, ou do chamado verbo *dicendi*. Othon M. Garcia (1986) explica que os verbos *dicendi* são verbos de elocução. A elocução refere-se à maneira pela qual alguém se expressa, quais palavras usa para fazê-lo. Exemplo: afirmar, indagar, lamentar. Portanto, todas as vezes que um autor institucional se vale de um verbo *dicendi*, avalia, automaticamente, o discurso do outro de modo positivo ou negativo ao que convém defender.

Na notícia, também é comum a presença do chamado *discurso segundo* para introduzir o discurso de outrem. Isso ocorre por meio de expressões como

² Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-03-06>



“Segundo ele”, “de acordo com informações da agência”, numa relação conformativa.

CARTA CAPITAL. *Dilma rebate críticas a emergentes e "vende" Brasil a investidores em Davos.*³

As manifestações, *segundo ela*, seriam "parte indissociável do processo de construção da democracia e de mudança social", em que os "novos cidadãos brasileiros se conscientizam e exigem seus direitos".

No caso do excerto em análise, o autor institucional introduz a voz da presidente Dilma a partir do discurso segundo. A expressão “segundo ela” aparece intercalada por vírgulas entre o objeto do discurso (sujeito) “as manifestações” e o que se fala sobre ele. O autor opta pela forma verbal “seriam” no futuro do pretérito, gerando efeito de hipótese e não de certeza. Assim, deixa claro que não quer compartilhar das afirmativas feitas pela presidente. Esse movimento de distanciamento do outro discurso é uma forma de avaliá-lo.

Outra forma menos comum de o autor institucional avaliar o discurso do outrem é a partir do uso das aspas. Observemos o excerto que segue:

FOLHA DE SÃO PAULO. *Brasil tem rombo recorde nas contas externas.*⁴

O BC afirma que o quadro ainda é “favorável” e que as contas externas são perfeitamente sustentáveis. Mas a sequência de piora ano a ano, desde 2009, abre espaço para questionamentos num momento em que a desconfiança em relação a mercados emergentes está em alta.

Ao marcar com aspas o termo “favorável”, o autor institucional questiona seu valor de verdade e, automaticamente, questiona o discurso do outro.

O próprio autor institucional também pode deixar escapar certas avaliações a partir de recursos como as aspas, uso de adjuntos adverbiais de

³ Edição on line de 24/01/2014 <http://www.cartacapital.com.br/politica/dilma-rebate-criticas-a-emergentes-e-vende-brasil-a-investidores-em-davos-2301.html>

⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/149221-brasil-tem-rombo-recorde-nas-contas-externas.shtml>

modo, orações subordinadas adjetivas explicativas, por exemplo. Essas avaliações explícitas não são largamente utilizadas nas notícias, mas acontecem.

Justiça condena Tim a pagar R\$ 5 milhões por “derrubar” ligações.⁵

Garota é brutalmente assassinada e “colegas” preferem silêncio sobre possível autor.⁶

As aspas demarcam o discurso de outrem, nesse caso, mas também acabam por destacar um elemento, passando a ter função avaliativa. No segundo título, aparece o advérbio “brutalmente” avaliando a forma do crime.

Apesar de a notícia não apresentar adjetivos, ocorre a adjetivação por meio de orações subordinadas adjetivas explicativas ou outros recursos explicativos como os apostos. Esses recursos estão a serviço do autor institucional para que possa dar precisão ao relato e ao mesmo tempo expressar certas avaliações sutis, sob a fórmula de bem prestar o serviço informacional de qualidade a partir de que detalha os fatos.

(c) Visada dialógico-valorativa de especificação: nesse grupo de recursos linguísticos incluímos os mais ligados à especificação: os adjuntos adnominais e as orações subordinadas adjetivas restritivas.

A especificação, em si, é importantíssima na notícia porque ela se lança, na maior parte dos casos, sob o entendimento que uma sociedade tem sobre algo, ou seja, calca-se nos valores e nas interpretações geradas a partir do uso de signos ideológicos. Uma notícia pode apresentar como título: a) “Criança de 3 anos é violentada em São Paulo”, b) Criança é violentada em São Paulo. Em *a*, o adjunto adnominal “de 3 anos” dá ao leitor mais detalhes sobre a criança. Em *b*, a ausência do recurso que aparece em *a* corrobora uma interpretação menos emocional da questão.

⁵ Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/telefonica/45676>

⁶ Disponível em: <http://www.bandab.com.br/jornalismo/>



Por fim, é importante ressaltar que as explicações e as especificações se engendram para servir à precisão do relato. São diferentes, mas ao mesmo tempo uma quase sempre está relacionada à outra, sendo difícil separar esses domínios dialógico-valorativos, como no caso de olhar para um aposto, por exemplo. Observemos os excertos:

Agência Brasil. Governo envia ao Congresso proposta de lei que criminaliza exigência de cheque caução em hospitais privados.⁷

- 1) Na nova proposta, o governo quer tipificar a exigência como crime, *o que fará aumentar a penalidade para três meses a um ano de detenção e aplicação de multa.*
- 2) Há pouco mais de um mês, o secretário de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, *a) Duvanier Paiva Ferreira, b) 56 anos, c) morreu devido a um infarto,* depois de ter procurado atendimento em dois hospitais privados de Brasília. Para atendê-lo, as instituições teriam exigido cheque caução. O caso está sendo investigado pela Polícia Civil do Distrito Federal.

No excerto 1, percebemos que a oração explicativa anuncia o que acontecerá se o governo conseguir tipificar a exigência como crime. Ao mesmo tempo em que informa, o autor institucional “interpreta/avalia” o teor da ação.

No excerto 2, em *a* e *b*, os apostos explicam quem é o Secretário de Recursos Humanos e explicam/especificam sua idade. Depois, o autor institucional explica o motivo da morte para posteriormente estabelecer outras relações com esse fato. Se a idade do secretário não fosse importante à ideia de “muito novo para morrer”, talvez a explicação/especificação não tivesse ocorrido para dar o tom de denúncia.

(d) Visada dialógico-valorativa de validação: ocorre quando o discurso de outrem funciona como discurso de autoridade, validando o fato noticiado, “gerando efeitos de credibilidade e veracidade” (ACOSTA-PEREIRA, 2013, s/p).

⁷ Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-03-06/>



FOLHA DE SÃO PAULO. *Brasil tem rombo recorde nas contas externas.*⁸

1) "O déficit [em 2013] foi causado fundamentalmente pelo menor superávit comercial no ano. Para 2014, deve ocorrer uma redução do déficit", disse Fernando Rocha, chefe-adjunto do Departamento Econômico do BC.

2) *Segundo ele*, o BC estima um saldo negativo de US\$ 78 bilhões, sendo que boa parte será coberta com o ingresso de US\$ 63 bilhões em investimentos estrangeiros.

A notícia anuncia que o Brasil tem *rombo recorde nas contas externas* (conforme o título expõe) e, para tanto, no excerto 1, o autor institucional introduz o discurso de Fernando Rocha, chefe-adjunto do Departamento Econômico do Banco Central (autoridade) para confirmar essa informação. O mesmo ocorre no excerto 2, quando essa voz é introduzida a partir do discurso segundo.

(e) *Visada valorativa de retomada do assunto*: sabemos que o funcionamento de muitos recursos linguísticos está voltado à retomada textual de um objeto (KOCH, 2005). Essas retomadas devem permitir que o interlocutor possa se situar e estabelecer a ligação com o elemento referenciado. Por vezes, a empresa jornalística lança determinada apreciação quando referencia ou substitui termos, fazendo-nos observar "determinadas orientações axiológicas sobre o objeto do discurso" (ACOSTA-PEREIRA, 2013). A fim de observarmos esses movimentos, analisaremos dois trechos de uma mesma notícia.

CARTA CAPITAL. *Dilma rebate críticas a emergentes e "vende" Brasil a investidores em Davos.*⁹

1) "Democracia gera desejo de mais democracia; inclusão social provoca expectativa de mais inclusão social; qualidade de vida desperta anseio de mais qualidade de

⁸ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/149221-brasil-tem-rombo-recorde-nas-contas-externas.shtml>

⁹ Edição on line de 24/01/2014 <http://www.cartacapital.com.br/politica/dilma-rebate-criticas-a-emergentes-e-vende-brasil-a-investidores-em-davos-2301.html>



vida" e o importante é "transformar a energia das ruas em realizações para todos", enfatizou *a política petista*.

2) Ao fim de sua apresentação no fórum, *a chefe de Estado brasileira* aproveitou para responder a mais um ponto de crítica, assegurando que o país está perfeitamente preparado tanto para a "Copa das Copas" (...) quanto para as Olimpíadas de 2016.

Para retomar "Dilma", o autor institucional faz muitas referências, como "ela", "a presidente", das quais chamamos atenção para as duas que aparecem nos excertos em análise. Enquanto grande parte da imprensa se dedica a avaliar negativamente o discurso de Dilma na cidade de Davos no Fórum Econômico Mundial no ano de 2014, a matéria apresenta o relato dos aspectos positivos do discurso, promovendo um diálogo dirigido aos interlocutores petistas, ou aos apoiadores das políticas desse governo. Por isso, o termo "a política petista" para retomar "Dilma". Da mesma forma o termo "a chefe de Estado brasileira" situa o discurso de Dilma como daquela que fala em nome de uma nação, de um Estado e que tem poder conferido para isso. Mais uma vez a empresa afina o diálogo com seus interlocutores a partir da escolha de termo muito mais utilizado pela comunidade dos que pactuam com o discurso dito de esquerda. Os termos de retomada, então, estão crivados de valorações pela constituição social e ideológica dos signos em dado momento da história, ou seja, em grande medida pelo que o signo a partir do qual se opera essa retomada representa para uma comunidade de interlocutores e esse signo só tem dado valor numa enunciação específica. Se a notícia em questão, em todo seu conteúdo, parecesse avaliar negativamente o discurso de Dilma em Davos, talvez o termo "a política petista" pudesse ganhar sentido negativo. Assim concluímos que as visadas dialógico-valorativas de retomada do assunto são orientadas a partir do próprio discurso e, em grande medida, para quem são interlocutores aos quais ele se dirige.

4. Uma análise linguística na perspectiva da ADD: reflexões e possibilidades no trabalho com a notícia

Embora já tenhamos esboçado uma ligação entre as visadas dialógico-valorativas e as formas categorizadas pela gramática normativa de sua efetivação mais recorrentemente no gênero, elaboraremos abaixo, a partir de um quadro, a síntese dessas proposições. No entanto, desta vez, faremos o inverso: partiremos das categorias gramaticais recorrentes para destacar os efeitos valorativos de seu uso na notícia.

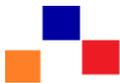
Com isso, podemos apontar perspectivas para o desenvolvimento de um trabalho dialógico e discursivo de análise linguística, em que as recorrências linguístico-discursivas e enunciativas do gênero não só representam sua relativa estabilização estilístico-composicional, como se apresentam enquanto concretização dialógico-valorativa que atende a dupla orientação do gênero na realidade.

QUADRO 01 – Recorrências linguísticas e gramaticais na notícia e valoração

USO RECORRENTE DE ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS NA NOTÍCIA	DISCUSSÃO	INTERPRETAÇÃO DIALÓGICO-VALORATIVA
Forma verbal no presente do indicativo no título	O uso visa efeito enunciativo para ressaltar a atualidade do relato. É uma recorrência predominante na maioria das notícias analisadas. Ex: Câmara <i>aprova</i> criminalização de cheque caução	<i>Visada dialógico-valorativa para ressaltar o tempo.</i> Uma forma de dizer ao interlocutor que a notícia é atual. Há um “eu” que enuncia “aqui” e “agora” e há um efeito dêitico temporal conferido pela forma verbal no presente do indicativo.
Formas verbais da voz passiva no título	O uso visa chamar atenção para o fato em si e não para seus participantes agentes. É comum nas notícias cuja temática envolve crimes, delitos e sua investigação. Ex: Estudante de direito <i>é assassinado</i> em posto em plena avenida central.	<i>Visada dialógico-valorativa de apresentação dos participantes.</i> Quando do uso da voz passiva, sem identificação do agente, lança-se foco sobre o fato em si, ou sobre a ação investigativa que visa à apresentação do agente.
Orações subordinadas	Quando no título, essa especificação geralmente está ligada ao fato de o	<i>Visada dialógico-valorativa de especificação.</i>



adjetivas restritivas no título	jornal estar inserindo um novo relato numa série de outros anteriormente dispostos e que dizem respeito ao mesmo objeto do discurso. Ex: Homem <i>que assassinou estudante de direito</i> vai a júri.	Ao se especificar, demarca-se o domínio interpretativo ou a especificação serve às relações dialógicas, mostrando a relação do texto com outros anteriormente dispostos.
Presença do discurso de outrem no título	Ocorre quando o jornal/locutor utiliza-se do discurso de outrem para sustentar posições já a partir do título. Ex: Dilma fala de um Brasil que não é o nosso, <i>diz Aécio</i> Ex: <i>Para Aécio</i> , reforma ministerial de Dilma 'anda para trás'.	<i>Visada dialógico-valorativa de avaliação.</i> <i>Visada dialógico-valorativa de validação.</i> A partir do discurso de outrem já utilizado no título, o jornal o enquadrará/usará para reforçá-lo ou rebatê-lo (avaliação) ou para, por meio dele, garantir a credibilidade da informação (validação).
Adjuntos adverbiais de tempo e lugar	Recurso ligado ao lide e tem a função de dar a localização espacial do relato, por vezes, chamando atenção para o local de ocorrência dos fatos. Ex: O provável candidato do PSDB à Presidência da República, o senador tucano Aécio Neves (MG), criticou o pronunciamento da presidente Dilma Rousseff feito <i>na sexta-feira (24) no Fórum Econômico Mundial, de Davos, na Suíça</i>	<i>Visada dialógico-valorativa tempo-espacial.</i> Informar sobre o tempo e o espaço de ocorrência do relato é uma obrigação determinada pela função social do gênero notícia. No entanto, por vezes, tempo e espaço podem ser importantes elementos para a denúncia de situações e para o revelar da posição axiológica da empresa jornalística, na medida em que são colocados em foco.
Apostos	Tem função de explicar/especificar quem são os participantes ou objetos do discurso. Ex: O provável candidato do PSDB à Presidência da República, <i>o senador tucano Aécio Neves (MG)</i> , criticou...	<i>Visada dialógico-valorativa de especificação.</i> <i>Visada dialógico-valorativa de identificação dos participantes.</i> Ao mesmo tempo em que um aposto explica/especifica, ele adiciona informações sobre o objeto do discurso, que pode ser o participante. A especificação, nesse caso, se lança sobre os limites da interpretação e se calca em valores socialmente reconhecidos e compartilhados pelo locutor e pelos interlocutores.
Orações subordinadas adjetivas restritivas no corpo do texto	Especificam objetos do discurso. Ex: Projeto de lei <i>que determina a criminalização...</i>	<i>Visada dialógico-valorativa de especificação.</i> (discussão já realizada na linha acima).



	Um grupo <i>formado por cerca de 3000 mil jovens</i> invadiu o Shopping Avenida...	
Adjuntos adnominais	Especificam e fornecem informações detalhadas sobre sujeitos/objetos do discurso. Ex: Jovem <i>de 18 anos</i> é atropelado na Avenida Brasil	<i>Visada dialógico-valorativa de especificação.</i> (discussão já realizada)
Adjuntos adverbiais de modo	Dispõem avaliações tanto a partir do locutor, quanto quando presentes no discurso de outrem. Ex: Segundo a polícia, os jovens estavam <i>fortemente</i> armados e agiram <i>de maneira violenta...</i>	<i>Visada dialógico-valorativa de avaliação.</i> Explica-se a ação dos participantes e, concomitantemente, avalia-se como se dá essa ação.
Adjuntos adverbiais de meio/ instrumento	Especificam as formas de ação. Um grupo de sem-terra armado <i>com paus, foices e machados...</i>	<i>Visada dialógico-valorativa de especificação.</i> Especifica-se a forma de ação, os instrumentos utilizados pelos participantes de uma ação. Ao detalhar, lança-se avaliação apreciativa, direcionando a interpretação do interlocutor.
Orações subordinadas adjetivas explicativas	Informam sobre algo, explicam e detalham objetos do discurso. Podem estar presentes no discurso do locutor ou no discurso de outrem. Ex: O projeto de lei, <i>que muda o código penal</i> , entrará em vigor se aprovado pelo senado. Segundo FULANO, o discurso da presidente não condiz com a realidade brasileira, <i>que é outra bem diferente da vendida por ela...</i>	<i>Visada dialógico-valorativa de avaliação.</i> Adicionam informações /conteúdos avaliativos importantes sobre o objeto do discurso, adjetivando-os.
Orações subordinadas substantivas objetivas diretas (desenvolvida ou reduzida)	Introduzem o discurso (discurso indireto) de outrem na trama sintática. Ex: Gaetano também revelou <i>que Pizzolato jamais saía ao supermercado com sua mulher...</i> O secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, <i>disse estar "profundamente</i>	<i>Visada dialógico-valorativa de avaliação.</i> <i>Visada dialógico-valorativa de validação.</i> O discurso de outrem pode ser enquadrado no discurso novo tanto para validar ou credenciar informações, quanto para funcionar como posicionamento que o jornal refuta ou a ele adere para ilustrar o



	<i>impressionado</i> " com a espiritualidade e força física do ex-Presidente cubano Fidel Castro...	fato noticiado e também para marcar sua própria posição.
Aspeamento (marca de discurso direto)	Tem a função de demarcar o discurso direto de outrem. Ex: " <i>Onde não tem inflação? A fantasia da propaganda oficial não consegue mascarar, mudar a realidade. O Brasil está no final da fila. A situação da presidente se agrava a cada dia mais, seja na maquiagem para atingir o superávit primário ou para obter um saldo comercial melhor</i> ", comentou.	<i>Visada dialógico-valorativa de avaliação.</i> <i>Visada dialógico-valorativa de validação.</i> (discussão já realizada)
Aspeamento de palavras ou expressões	As aspas podem ser usadas com a função de destacar, ironizar, questionar. Na notícia essa função é incomum. Aparentemente, quando destaca uma só palavra, o jornal a vincula ao discurso de outrem. No entanto, também destaca o termo numa posição de avaliação. Ex: Na capital do Paraná, o tucano também afirmou que a gestão Dilma " <i>discrimina</i> " o Estado comandado pelo correligionário Beto Richa na aplicação de recursos.	<i>Visada dialógico-valorativa de avaliação.</i> Se algo é destacado, ironizado ou questionado, antes precisa ser avaliado.
Verbos <i>dicendi</i>	Avaliam o conteúdo do discurso de outrem. Ex: Só pode sentir o verdadeiro efeito da discriminação, quando se é vítima dela, <i>desabafou/alfinetou</i> a jovem líder do movimento.	<i>Visada dialógico-valorativa de avaliação.</i> Os verbos <i>dicendi</i> representam uma avaliação do autor institucional sobre o discurso de outrem enquadrado no enunciado.
Uso de parênteses	Geralmente os parênteses cercam siglas, dados, explicações. Ex: [...] afirmou Kurt Straif, do Centro Internacional para a Investigação do Cancro (<i>IARC</i>), uma agência especializada da Organização Mundial de Saúde (<i>OMS</i>).	<i>Visada dialógico-valorativa de avaliação.</i> Servem ao objetivo informacional, mas também podem servir a fins avaliativos, desde que cerquem conteúdos explicativos.
Oração subordinada adverbial comparativa	Estabelecer analogias a partir de seus efeitos de sentido: comparação, causa	<i>Visada dialógico-valorativa de avaliação.</i>

	e consequência, finalidade, condição, etc. Ex: O valor é <i>50% maior do que</i> no ano anterior. (relação comparativa)	Se o autor institucional compara, de certo modo o faz para mais bem informar, mas também a fim de sustentar avaliações.
Numerais	Servem a divulgação e análise de dados estatísticos, cifras, números. Ex: O Brasil registrou, em 2013, um rombo de <i>UU\$81,4 bilhões</i> nas suas transações com o exterior.	<i>Visada dialógico-valorativa de avaliação.</i> <i>Visada dialógico-valorativa de validação.</i> A presença de números confere precisão informativa ao relato e, ao mesmo tempo, pode lançar terreno para uma avaliação sobre o que representam, ou para a validação de afirmativas feitas.

A partir do disposto na última coluna do quadro, é importante também realçar que a mesma recorrência gramatical pode servir a diferentes visadas ou que pode ocorrer um engendramento de visadas dialógico-valorativas. Se numa notícia são apresentados dados (números) pelo autor institucional, por exemplo, estes podem orientar a interpretação do leitor. No entanto, se o autor decide apresentar dados a partir de uma fonte prestigiada, ele orienta com alta credibilidade a interpretação do leitor. Esse engendramento, por vezes, não é percebido pelo leitor menos avisado. Assim, o estilo e a composição da notícia se emaranham indissociavelmente para dar conta do tema e do relato de fatos, que se constitui como objetivo sócio-discursivo desse gênero. A partir dessa orientação interna, que também é externa, dirige-se a interpretação do relato sob o artifício de explicitar uma verdade absoluta e incontestável.

Considerações finais

A relação entre recorrências linguísticas e gramaticais e visadas dialógico-valorativas explicitadas no trabalho aponta para que o professor possa analisar as categorias gramaticais que se concretizam em um gênero, realizando um trabalho de análise linguística, considerando a função social e discursiva de cada uma dessas recorrências e, sobretudo, como se concretizam nos movimentos discursivizados que atendem ao estilo, à composição (aspectos



internos do gênero), assim como as demandas da orientação externa do gênero na realidade (tempo, espaço, campo da atividade humana de onde emerge).

Por isso, a partir da análise, é possível defender uma proposta de análise linguística vinculada ao trabalho com gênero que alcança o estatuto de atividade dialógica e discursiva. Não é apenas a compreensão da estrutura mais ou menos estável de um gênero que esse tipo de análise serve. Se concebemos a linguagem como uma estrutura, como um código, certamente nossas práticas em sala de aula serão balizadas por essa concepção, desembocando na descrição do sistema/código ou da norma. Se concebemos o gênero como uma estrutura, não será diferente: ensinaremos nosso aluno a olhar para essa estrutura, reproduzir essa estrutura. Isso, porém, não basta a um processo de ensino e aprendizagem balizado por uma concepção interacionista de linguagem, conforme depreendemos da proposta bakhtiniana.

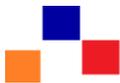
Por isso, demonstramos, explicitando a relação entre recorrências linguísticas e gramaticais e visadas dialógico-valorativas, possibilidades para um trabalho de análise linguística em uma perspectiva dialógico-discursiva. Assim, confirmamos o estatuto dessa perspectiva à prática de reflexão sobre a língua/linguagem em uso a partir das enunciações concretas e das formas típicas de enunciado.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. A reenuniação e as visadas dialógico-valorativas no gênero jornalístico notícia: projeções e discursividade. **Letra Magna**, Ano 09 - n.16. 2013. <Disponível em: http://www.letramagna.com/art_16_12.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2013.

_____; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob a perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147-162, 2010. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaletras/artigos_r40/artigo_08.pdf>. Acesso em: 8 de setembro de 2013.

ALVES FILHO, F. A autoria institucional nos editoriais de jornais. **Alfa**, São Paulo, 50 (1): 77-89, 2006. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1396>>. Acesso em: 10 de setembro



de 2013.

BAJTIN, M.; MEDVEDEV, P. N. **El método formal en los estudios literarios: introducción crítica a una poética sociológica.** Versión española de Tatiana Bubnova. Madrid: Alianza, 1994. p. 207-224.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008.

_____. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.** Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Ed. da UNESP, 1988, p.13-70.

_____. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006b. p. 9-33.

_____.; PISTORI, M.H.C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, v. 56, n.2, p. 371-401, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531>>. Acesso em: 3 de junho de 2013.

DE PAULA, L. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. **Estudos da Linguagem.** Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, 2013. Disponível em: <<http://www.relin.letas.ufmg.br/revista/upload/2118-DEPAULA.pdf>>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2014.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2007, p. 37- 60.

FARIA, M. A. **O jornal na sala de aula.** 13. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula.** Cascavel: Assoeste, 1984.

KOCH, I.V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). **Referenciação e discurso.** São Paulo: Contexto, 2005, p.33-52.



MENEGASSI, R.J.; CAVALCANTI, R.S.M. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. **Alfa**, v. 57, n. 2, p. 433-449, 2013.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem e Análise Linguística: Diagnóstico para proposta de intervenção. In: **Anais...** CLAPFL – I Congresso Latino Americano de Professores de Línguas. Florianópolis: EDUSC, 2007, p.824 – 836.

RABAÇA, C. A. e BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1998.

ROJO, R. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

_____. Gêneros do discurso no círculo de Bakhtin: ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET), 4, Tubarão, SC. **Anais...** Tubarão: UNISUL, 2007. p. 1761-1775.

Recebido em 28/07/2014.

Aceito em 07/03/2015.

Neil Armstrong Franco de Oliveira

É graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual de Maringá, mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Maringá e doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente é professor da área de Linguística da Universidade Estadual de Maringá e pesquisador com atuação principalmente nos seguintes temas: gêneros discursivos, gêneros jornalísticos, ferramentas didático-pedagógicas para o desenvolvimento da produção textual escrita na escola básica e no ensino superior.

E-mail: prof.neilfranco@gmail.com

Adriana Delmira Mendes Polato

É graduada em Letras pela Unespar/Fecilcam, mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina e doutoranda na Universidade Estadual de Maringá. Atuou como professora de língua portuguesa na educação básica nas redes pública e privada por 12 anos. Atualmente é professora assistente de Língua Portuguesa e Prática de Ensino de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR/Campus de Campo Mourão.

E-mail: ampolato@gmail.com